

TRAGÉDIA

RAPAZ MORRE ATINGIDO COM
UM TIRO DE ARMA DISPARADA
POR UM AMIGO

4

CIDADES

FLORES

DEZ MIL ORQUÍDEAS ESTÃO
EXPOSTAS, A PARTIR DE AMA-
NHÃ, NO JARDIM BOTÂNICO

8

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, quinta-feira, 18 de novembro de 1999

DF-LIXO



ÁREA SERÁ TERCEIRIZADA E CATADORES, QUE TRABALHARÃO EM USINA, REAGEM À MUDANÇA

O LIXÃO VAI MUDAR

Kátia Marsicano
Da equipe do **Correio**

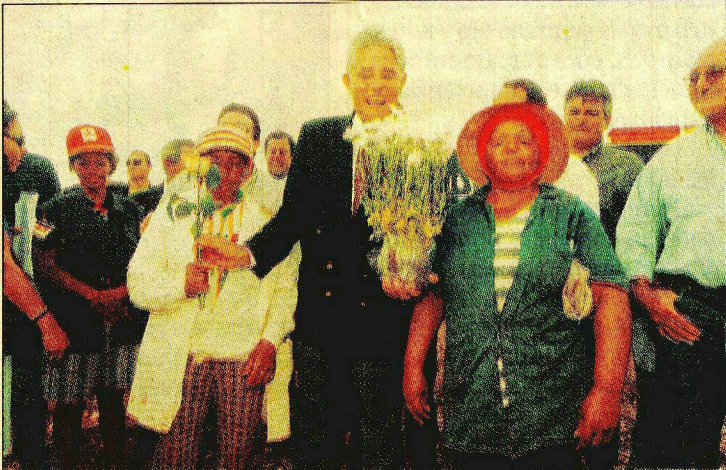
Todos os dias, eles estão lá. No meio de montes e mais montes de lixo despejados pelas carretas que não param de chegar, vindas de cada extremo do Distrito Federal. São cerca de mil toneladas a cada 24 horas, disputadas a peso de ouro pelos catadores que sobrevivem do que os outros jogam fora. Para eles, pouco importa quantas horas passam caminhando, olhando para o chão ou cavando (às vezes, com as próprias mãos) as pilhas de entulho no meio do barro.

“Estou aqui há 12 anos”, conta um homem magro, chamado José Aprígio que, aos 61 anos, ainda não pensa em desistir do trabalho. Como outros 200 catadores passa a maior parte do tempo à espera do sustento jogado no Lixão da Estrutural. Ontem à tarde, eles estavam preocupados. Ficaram sabendo que vão ser transferidos para as usinas e passarão a

ajudar na seleção do material. Em vez de ir em busca do lixo, é o lixo que virá até eles em esteiras rolantes, para ser separado em latões para plástico, alumínio e papel. O lixo continuará a ser despejado no mesmo local e os catadores serão vinculados às usinas. Mesmo sem saber quando isso vai ocorrer, o governador Joaquim Roriz deu a eles a notícia dos projetos para o futuro do Lixão. De manhã, ele esteve no local, com o secretário de Meio Ambiente, Antônio Barbosa, e o diretor do Serviço de Limpeza Urbana, Luiz Flores, mas não falou diretamente com os catadores que haverá mudanças. “Sabemos que vão resistir, mas não há como evitar que esse trabalho mude”, admitiu Flores.

Segundo a catadora Valdineide da Silva, 37 anos, a vantagem de trabalhar no Lixão é a liberdade de poder faturar mais com o que recolhem. “Fazemos nosso horário — se precisamos ganhar mais, a gente trabalha dobrado”, conta ela, lembrando que na usina do Plano Piloto, onde trabalha o marido Erismar Monteiro, 23 anos, as pessoas não conseguem ganhar mais que um salário mínimo, em jornadas de quase 10 horas por dia. Valdineide calcula que, no Lixão, com a vantagem de estar perto de casa, fatura R\$ 50,00 semanais.

No meio da multidão enlameada de catadores, outro que levanta a voz em defesa da mesma opinião é Eurico Fernandes, 58 anos, ex-trabalhador da usina do P Sul. “Fiquei lá dez meses. A



Roriz visitou o Lixão: “Não há como evitar que esse trabalho mude”

gente levanta de madrugada para pegar o ônibus e ainda é mandado demais”, comenta. Sem qualquer associação que os represente, os catadores do Lixão estão dispostos a resistir — mesmo reconhecendo que a falta de opção pode vencer a resistência.

“A vida por aqui não é fácil”, diz um dos anônimos catadores, em tom de lamento. “Mas ninguém está interessado em ouvir a gente”, comenta outro lá trás. Expostos a todos os tipos de doenças, muitos driblam o controle do portão de acesso ao Lixão e entram com bebidas — uma forma de suportar a espera pela próxima carreta e, ao mesmo tempo, esquecer a realidade em volta, cruel e malcheirosa.

No dia 13 de outubro, eles enfrentaram — além de tudo isso — a morte de dois companheiros. A jovem Vânia dos Santos Azevedo, 16 anos, e Cícero Clemente de Aquino, 39, foram atropelados

por uma das carretas que descarregavam o lixo. Morreram os dois. Ontem, a irmã de Vânia (que não quis dizer o nome) estava no mesmo lugar, catando lixo. Ainda abalada, se recusou a falar. A família de Cícero não foi localizada.

O diretor do SLU, Luiz Flores, disse que as circunstâncias do acidente estão sendo apuradas, mas não sabe quando sairá o laudo final, a partir do qual serão tomadas providências, como ajudar os parentes das vítimas. “Foi uma fatalidade. Isso nunca aconteceu antes”, comentou. Valdineide, uma das catadoras mais antigas do Lixão, dona de 25 anos de histórias do local, confirma a informação. “Só temos medo que nos aconteça a mesma coisa.”

PORTUGUESES

Até o final de janeiro do ano que vem, a empresa portuguesa de consultoria BAV Tecnologia Ambiental vai definir se investe

ou não no lixo do Distrito Federal. Estudos técnicos estão sendo realizados pelo Instituto Evaldo Loidi, por encomenda da BAV, com o objetivo de levantar informações sobre o potencial socioeconômico desse tipo de material na região.

O convênio com os portugueses foi assinado em agosto entre a Companhia de Água e Esgotos de Brasília (Caesb), Secretaria do Meio Ambiente (Sematec) e Companhia Energética de Brasília (CEB), e vai custar R\$ 150 mil, só na fase inicial de estudos. “Mas são eles quem estão pagando”, diz o secretário Antônio Barbosa, que garante não haver qualquer compromisso do governo do DF com os investimentos da empresa estrangeira.

Junto com o governador Joaquim Roriz e o diretor do Serviço de Limpeza Urbana, Luiz Flores, ele foi até o Lixão para falar do que se pretende fazer nos próximos três anos para revitalizar a área e preservar o meio ambiente. Segundo pesquisadores da Universidade de Brasília, já há indícios de que o Lixão está contaminando os mananciais hídricos do Parque Nacional de Brasília, principalmente a nascente do Córrego do Acampamento — localizada a cerca de 500 metros do depósito de lixo.

“Vamos abrir licitação para terceirizar o tratamento de lixo. O Lixão, local onde hoje existem catadores, será administrado por empresas de porte, detentoras de tecnologia de reciclagem”, previu. Os investimentos, segundo ele,

serão de US\$ 100 milhões. Empresas, como as que atuam em São Paulo e Minas Gerais na área de geração de energia com o aproveitamento do gás metano, também devem ser instaladas no local. Esse tipo de gás é resultado da decomposição de material orgânico acumulado no lixo, que pode ser engafarrado e vendido.

O diretor do SLU aproveitou para lembrar que, dentro de no máximo 60 dias, o chorume (material residual do lixo acumulado numa lagoa de oxidação) vai ser bombeado para o aterro, para melhorar o tratamento do lixo. Esse é um dos materiais que mais ameaçam o lençol freático.

Depois da visita ao Lixão, o governador foi para a usina de reciclagem do Setor P Sul, em Ceilândia, onde foram investidos R\$ 900 mil, na recuperação de equipamentos e na reativação da usina de incineração. Nessa usina, fechada há cerca de dois anos, hoje estão sendo queimadas 25 toneladas de lixo hospitalar por dia.

Na usina de Ceilândia, atualmente são recicladas 600 toneladas de lixo por dia, selecionadas por 120 catadores, alguns dos quais saídos do Lixão da Estrutural. “Mas aqui não é bom, não. Trabalhamos muito e ainda temos que trazer nossa própria comida”, diz a catadora Nilza (que não quis dizer o sobrenome). Moradora de Samambaia, ela está há três meses na usina, onde consegue ganhar quase um salário mínimo por mês, para sustentar dois filhos. “Estou aqui por falta de opção.”

“A VIDA POR AQUI NÃO É FÁCIL”

“MAS NINGUÉM ESTÁ INTERESSADO EM OUVIR A GENTE”